



ISSN 1984-5634

**RESENHA****ENTRE VIGILÂNCIA E ESQUECIMENTO: TRAJETÓRIA DA COMUNISTA ELISA BRANCO***Between surveillance and oblivion: trajectory of the communist Elisa Branco***JÉSSICA DUARTE DE SOUZA<sup>1</sup>****RESUMO**

Inserida em uma perspectiva que traz novas abordagens para a história do Partido Comunista do Brasil (PCB), a obra *Elisa Branco: uma vida em vermelho*, de Jorge Ferreira, lança luz à trajetória de Elisa Branco (1912-2001), uma importante militante comunista brasileira. Com leitura fluída, compreensível e mantendo o rigor da pesquisa histórica, Ferreira abordou a temática de gênero dentro da história e historiografia do PCB. Esta resenha elencou os principais temas e chaves de análise desta biografia, trazendo também algumas contribuições para o estudo das trajetórias das mulheres militantes do PCB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunismo; Jorge Ferreira; História das Mulheres.

**ABSTRACT**

Inserted in a perspective that brings new approaches to the history of the Communist Party of Brazil (PCB), the book *Elisa Branco: uma vida em vermelho* by Jorge Ferreira sheds light on the trajectory of Elisa Branco (1912-2001), an important Brazilian communist activist. With a fluid and understandable reading while maintaining the rigor of historical research, Ferreira addressed the theme of gender within the history and historiography of the PCB. This review listed the main themes and key analyses of this biography, also bringing some contributions to the study of the trajectories of women activists in the PCB.

**KEYWORDS:** Communism; Jorge Ferreira; Women's History.

**EDITOR-CHEFE:**

Andrei Marcelo da Rosa

**EDITORE-GERENTE:**

Rame Ferreira

**SUBMETIDO:** 04/10/2023**ACEITO:** 07/03/2025

Resenha de: FERREIRA, Jorge. **Elisa Branco: uma vida em vermelho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

**COMO CITAR:**

SOUZA, J. D. de. Entre vigilância e esquecimento: trajetória da comunista Elisa Branco. *Aedos*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 600-604, ago-dez. 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). ORCID iD: 0000-0002-5724-460X. E-mail: jds.duartejessica@gmail.com

A história do Partido Comunista do Brasil (PCB) é um tema com vasta produção na literatura acadêmica, sobretudo nos campos da sociologia, ciência política e história. Também há bastante material produzido por militantes e dirigentes do partido, através, principalmente, da publicação de suas memórias. Apesar da extensa produção, há novos caminhos sendo trilhados recentemente. Algo que podemos chamar de uma história social do PCB, em que, para além de uma análise da trajetória do partido e de figuras proeminentes, o cotidiano das cidades, bairros e ambiente de trabalho são trazidos à tona. Isso vem possibilitando revelar, com o aporte de ampla pesquisa empírica, as interfaces e contribuições dos e das comunistas que atuaram nesses espaços (Fontes; Toledo, 2022). Classe, gênero, etnia, raça, entre outros assuntos, emergem como problemáticas nessas investigações.

Em *Elisa Branco: uma vida em vermelho*, Jorge Ferreira produziu uma importante contribuição para a história do PCB dentro dessas novas abordagens. O gênero como categoria de análise é central para entender a vida de Elisa e alguns dos argumentos propostos pelo autor. Com leitura fluida, compreensível e mantendo o rigor da pesquisa histórica, ao que tudo indica, a obra de Ferreira é pensada para um público mais amplo. As notas de rodapé são reservadas quase que exclusivamente para referenciar as fontes usadas, com poucas notas explicativas, o que facilita aos leitores e leitoras não familiarizados com textos acadêmicos. Publicada pela Civilização Brasileira, a edição é muito bem-feita, tanto na forma como conteúdo. Os *boxers*, com citações diretas de documentos e das memórias de Elisa Branco, trouxeram dinamismo à leitura e o bloco de imagens, composto por fontes visuais pesquisadas cuidadosamente por Ferreira, ajuda a visualizar a simbiose entre a vida de Elisa e o PCB.

O gênero biográfico como pesquisa histórica é um recurso antigo e permeado de críticas. Já na primeira metade do século XX, associado a uma visão individualista, elitista e hegemônica da história política, a abordagem biográfica caiu em declínio. Após a década de 1980, as transformações nos campos historiográficos, como o impulso da história cultural e a ampliação das fronteiras do que se compreende como campo político – sendo este um local de articulação social e não unicamente de domínio – auxiliaram na renovação e revalorização do papel do sujeito na história. Considerando as críticas traçadas pela Escola dos Annales, os relatos pessoais, depoimentos e biografias passaram a adquirir novos significados (Ferreira, 2012). A partir desse movimento, aos poucos, mas não sem resistência, a biografia voltou ao debate como um caminho legítimo para a pesquisa histórica.

Uma das problemáticas centrais da escrita biográfica, segundo Benito Schmidt, é o desafio da ligação entre indivíduo e a sociedade. Trata-se de situar as vivências pessoais com os contextos em que se realizaram. Um dos propósitos da biografia é desfazer monumentos e “desmitologizar” memórias oficiais e consolidadas a respeito dos/as personagens que analisamos”. O objetivo não é querer trazer uma “verdade”, mas analisar a “construção histórica das narrativas mitológicas, os/as agentes que as edificaram, as disputas nelas envolvidas, os efeitos que provocaram, as versões que foram expurgadas” (Schmidt, 2017, p. 48).

Jorge Ferreira consegue superar os desafios e cumprir os objetivos de uma biografia histórica. O acúmulo de pesquisas sobre o PCB e sobre o período em que Elisa Branco mais atuou na militância certamente contribuiu para que o autor soubesse dosar as medidas entre ações individuais, determinações coletivas e suas interações na vida de Elisa. Além, é claro, da bagagem do autor com a biografia histórica de João Goulart, publicada em 2011, também pela Civilização Brasileira. Ferreira faz uma narrativa envolvente da vida política e pessoal de Elisa Branco, demonstrando sua importância e seu silenciamento na memória política do PCB, sem transformar a militante em uma figura “mitológica” ou romantizada.

O conjunto diversificado de fontes e o uso da História Oral como metodologia são apresentados aos leitores e leitoras no início da obra, em *Bastidores da produção do livro*. Foram utilizadas entrevistas, imprensa (principalmente os periódicos comunistas *Voz Operária* e *Imprensa Popular*), acervo fotográfico dos familiares de Elisa, arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e livros de memória produzidos pela própria Elisa Branco. Chama atenção a forma

como parte desse material foi obtida. Os livros de memória e o levantamento no acervo do DOPS foram produzidos pela própria Elisa nos anos 1990 e foram entregues a Jorge Ferreira por uma antiga orientanda, que recebeu o material de Horieta, filha de Elisa, enquanto realizava a pesquisa de sua monografia. O material do DOPS, encadernado em três grandes volumes, continha rabiscos e anotações de Elisa Branco. Ferreira explorou esse rico acervo em um dos últimos capítulos do livro, revelando as impressões da militante nos documentos da repressão.

A ausência do periódico *O Momento Feminino: um jornal para o seu lar* entre os jornais pesquisados é uma questão. Fundado em 1947, por iniciativa de mulheres vinculadas ao PCB, mas também composto por mulheres de outras organizações e siglas partidárias, o periódico fazia parte de um projeto de divulgação política e de integração com as mulheres, sobretudo as da classe trabalhadora. Sendo uma das diversas frentes de articulação política das mulheres pecebistas e simpatizantes, enquanto circulou (de 1947 a 1956), *O Momento Feminino* se dedicou a divulgar os feitos das Uniões Femininas e federações estaduais de mulheres, e os debates e resoluções da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM) e da Federação de Mulheres do Brasil (FMB) (Alves, 2020). Criadas no final da década de 1940, essas organizações possuíam vínculos aprofundados com o PCB e com o Partido Comunista de outras nacionalidades. Diversas militantes do PCB integraram e atuaram efetivamente na organização dessas entidades. A própria Elisa esteve à frente da luta política na Federação de Mulheres do Estado de São Paulo e com alguma atuação na FDIM e FMB.

O jornal *O Momento Feminino* está digitalizado e disponível na *Hemeroteca Digital Brasileira*. Ao inserimos o nome de Elisa Branco na ferramenta de busca do site (metodologia também usada pelo autor), encontramos cerca de 50 menções nesse periódico. Seu nome aparece, majoritariamente, em campanhas por sua libertação após a prisão ocorrida em setembro de 1950, episódio amplamente destacado por Ferreira. Considerando o campo de atuação política de Elisa no PCB, relacionado diretamente com as demandas das mulheres trabalhadoras, e o vínculo direto do jornal com o PCB e com a pauta de maior atuação política da biografada, é uma grande interrogação a escolha de Ferreira em não analisar essa fonte. Tudo indica se tratar de um documento fértil para discussões relevantes de sua vida política. Contudo, *O Momento Feminino* não é mencionado pelo autor.

A vida de Elisa Branco (1912-2001) é apresentada por uma narrativa cronológica, através de curtos capítulos. Jorge Ferreira perpassa pela infância até chegar a velhice de Elisa, mas sua análise está centrada nos anos 1945 a 1980. A vida pessoal, como seu casamento conturbado e violento, está presente na obra, mas é sua militância comunista e os entrelaçamentos da sua vida com o contexto nacional e internacional o foco do estudo. Conforme Ferreira alerta nas primeiras páginas: “aviso que o livro é sobre a vida de Elisa Branco, mas também trata da história do Partido Comunista e do próprio país”.

De fato, é possível visualizar a trajetória do PCB na história da biografada: o breve período de legalidade do partido após 1945; as mudanças de estratégia política durante o período de ilegalidade; as orientações de recuo com o golpe civil-militar de 1964 e a perseguição aos militantes comunistas na década de 1970, durante a ditadura militar. Tudo sem perder de vista as influências do contexto internacional no PCB, como a Guerra Fria, a agenda de 1956 com as denúncias dos crimes de Stalin e a posterior dissolução do bloco soviético, na década de 1990. O autor soube traçar esses paralelos de forma excelente e, a partir da trajetória de Elisa, demonstrar os debates e contradições internas do partido. Assim como muitos militantes, Elisa personalizou seus ideais comunistas de emancipação na figura de Luís Carlos Prestes e seguiu os caminhos do dirigente. Não foi diferente após as denúncias dos crimes de Stalin, Elisa permaneceu ao lado de Prestes e do Comitê Central, sem alterar qualquer visão acerca da União Soviética e se colocando contra aqueles e àquelas que passaram a questionar a política do partido e do socialismo soviético.

Ferreira pontua que Elisa Branco foi um exemplo de militância, e a coletividade sempre vinha antes de suas demandas pessoais. Situação evidente quando ela ganhou o Prêmio Stalin da Paz, principal honraria que um comunista poderia receber naquele período. Premiada em 1952,

sendo a segunda brasileira a receber o prêmio (Jorge Amado foi agraciado em 1951), a pequena fortuna advinda do prêmio foi praticamente toda doada ao partido, mesmo Elisa estando em dificuldades financeiras. Sua atuação política esteve sempre direcionada às demandas pela paz, custo de vida, demandas coletivas como creches, habitação, hospitais e na articulação e formação política das mulheres. Em todo esse período, Elisa foi intensamente vigiada pela repressão. Eles acompanhavam seus passos e registravam tudo o que fazia. Além da vigilância constante do DOPS, agentes do Exército e da Aeronáutica também acompanhavam de perto seus movimentos.

Sua prisão em setembro de 1950, por expor um cartaz escrito “Os soldados, nossos filhos, não irão para a Coreia” e por portar panfletos do PCB, talvez tenha sido um dos episódios de maior repercussão da vida política de Elisa. Ferreira o explorou de forma aprofundada. Inicialmente negligenciada pelo partido, sua prisão só passou a ser noticiada nos jornais comunistas três meses após sua reclusão. Nesse episódio, o autor evidenciou as desigualdades de gênero dentro do PCB. Em primeiro lugar, Elisa é esquecida pelos seus companheiros. Depois, ela é constantemente usada como ideal de mulher e mãe militante. Em seguida, é deixada novamente no esquecimento.

Com o auxílio de dados quantitativos, Jorge Ferreira demonstrou como os periódicos comunistas vão parando de citá-la. O auge das menções a Elisa é em 1951, momento de repercussão de sua prisão. A partir de 1952, mesmo sendo contemplada pelo Prêmio Stalin da Paz, as citações nos jornais começam a cair consideravelmente. A partir de 1956, o nome de Elisa não aparece mais nesses periódicos. Mesmo com o reconhecimento internacional de sua atuação, Elisa (nem outras mulheres) nunca exerceu um cargo de direção no partido nesse período. O autor também apontou o silêncio da atuação de Elisa na produção historiográfica sobre o PCB e entre as memórias dos militantes comunistas. Ferreira cita algumas memórias produzidas por militantes, e Elisa é brevemente mencionada apenas em duas. Todas as memórias citadas são de homens, evidenciando a denúncia do autor.

Nesse aspecto, faltou à biografia o diálogo com pesquisas que também abordam o machismo estrutural dentro do partido e que trazem a contribuição de militantes mulheres na construção e manutenção do PCB. Guilherme Nunes, ao pesquisar a trajetória das militantes comunistas Elisa Kauffmann Abramovich, Julieta Battistioli e Júlia Santiago da Conceição, entre os anos de 1935 e 1965, debate os limites e possibilidades da militância das mulheres comunistas, constatando como suas atuações eram sempre destinadas ao trabalho de base e não ao comando do partido. Nunes sublinha o quanto o próprio PCB esqueceu e negligenciou a memória de suas militantes. Isso contribuiu para que muitas mulheres comunistas tenham sido ofuscadas por tanto tempo e, de certa forma, para que outros importantes ângulos da história do PCB não fossem conhecidos (Nunes, 2020).

Além de Nunes, Iracélli Alves analisou o feminismo de orientação comunista em sintonia com o PCB, entre as décadas de 1940 e 1970, através das trajetórias de Jacinta Passos e Alina Paim (Alves, 2020). Cabe destacar também a pesquisa de Paula Soares sobre como o debate acerca da questão feminina e a organização do trabalho político entre mulheres foram conduzidos pelo PCB, nos anos de 1925 a 1956. Soares deu especial ênfase às diversas organizações de (e para) mulheres fundadas pelo PCB nesse período. Inclusive, em muitas dessas entidades Elisa Branco participou efetivamente (Soares, 2021). Traçar o diálogo da história de Elisa Branco com outras militantes comunistas é importante para que o seu esquecimento não seja encarado como algo individualizado. Ajuda a qualificar o tratamento destinado à memória de Elisa e à falta de reconhecimento político por sua militância pelo PCB.

De todo modo, *Elisa Branco: uma vida em vermelho* é uma obra que contribui significativamente e merece ser lida. Além de proporcionar um maior conhecimento sobre a instigante trajetória dessa militante comunista, o trabalho apresenta uma sólida pesquisa empírica de forma didática e acessível.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Iracélli da Cruz. *Feminismo entre ondas: mulheres, PCB e política no Brasil*. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2020.

FERREIRA, Marieta de M. Apresentação. In: AVELAR, Alexandre de S.; SCHMIDT, Benito B. *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 7-15.

FONTES, Paulo; TOLEDO, Edilene. O PCB e os mundos do trabalho: uma apresentação. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 14, p. 1-6, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/91641>>. Acesso em: 12 de jun. 2025.

NUNES, Guilherme Machado. *Mulheres Comunistas no Brasil: Elisa Kauffmann Abramovich, Julieta Battistioli e Júlia Santiago da Conceição (1935-1965)*. Tese (Doutorado em História), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

SCHMIDT, Benito B. Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a. *Diálogos*, Maringá, v. 21, n. 2, p. 44-49, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/39527/20655>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SOARES, Paula Elise Ferreira. *A questão feminina no PCB (1925-1956): as mulheres na cultura política comunista*. Tese (Doutorado em História), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.